

## Aprendizagem coletiva: uma experiência musical com alunos da EJA

*Laizime da Silva Fontes*  
Universidade Federal da Paraíba  
*laisfontes@hotmail.com*

**RESUMO:** O presente relato de experiência tem como objetivo relatar uma experiência docente durante o Estágio Supervisionado em música, pela UFPB, com alunos da EJA. O trabalho desenvolvido na escola teve como base a pedagogia de projetos e a perspectiva do professor crítico reflexivo (PIMENTA, 1997 e PIMENTA e LIMA, 2012). Ao desenvolver o projeto com a turma da EJA, percebi a importância da prática de ensino para minha formação como futura professora, pois com essa experiência pude pesquisar, planejar e vivenciar o importante papel que o professor desenvolve no dia a dia em sala de aula, além de obter uma visão de ensino e aprendizagem diferenciada a qual contribui para o conhecimento musical de forma dinâmica, criativa e reflexiva, proporcionando aos alunos um momento de aprendizado inovador. Inicialmente, o relato aborda o contexto de ensino, a proposta pedagógica, bem como a experiência docente na qual iremos observar as reflexões a respeito dos pontos positivos e negativos para, em seguida, tratarmos dos resultados alcançados e da conclusão do projeto desenvolvido na escola. Busquei relatar a minha experiência, os meus desafios encontrados desde as observações, meus objetivos e resultados com o intuito de mostrar a importância de trabalhar a partir de uma perspectiva mais reflexiva, tendo em vista a importância da vivência e a prática do estágio, pois, nessa etapa, temos a oportunidade de desenvolver um ensino satisfatório, buscando sempre a melhoria da aprendizagem e avaliando a prática do ensino musical a partir de uma visão mais introspectiva.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado em música. Educação de Jovens e Adultos. Gêneros Musicais Nordestinos.

### Introdução

O estágio é fundamental para a formação do licenciando, pois proporciona oportunidades de vivência em sala de aula e oferece ao aluno maior profundidade de conhecimentos em aprender na prática, ou seja, aprender ensinando, favorecendo assim o complemento teórico.

Antes de iniciar as regências, foram realizadas três observações e, por meio delas, pude perceber a importância de criar um projeto em que pudesse trabalhar os objetivos e conteúdos voltados para as necessidades dos alunos. Assim, a partir do olhar atento às demandas do local e da turma, elaborei o projeto 'CD Show Musical: ELES APRENDEM

JUNTOS', o qual buscou abordar dois gêneros da cultura popular do estado da Paraíba e Pernambuco.

A finalidade do projeto foi oferecer aos alunos conhecimento musical por meio de contextos históricos, prática instrumental, vocal, atividades dinâmicas que propiciaram à turma aulas diferentes e a compreensão dos estilos com relação às suas origens. A partir desses objetivos, a proposta final foi a gravação de um CD. Para tanto, se tornou necessário fazer com que os alunos aprendessem sobre equipamentos de captação de áudio, Software e mixagem. O projeto 'CD Show Musical: Eles Aprendem Juntos' foi idealizado por meio dos fundamentos teóricos, conceitos e abordagens trabalhadas na disciplina de estágio – como Azevedo (2007) – em outras disciplinas do curso de música, por meio de pesquisas realizadas na internet e livros lidos anteriormente.

Para a elaboração de minha proposta, tomei como base autores da área de educação musical sobre estágio, sobre o ensino de música na educação de jovens e adultos e estudos sobre o forró, a exemplo dos trabalhos de Silva (2011), Alfonsi (2007), Dias e Dupan (2017), Fernandes (2005), Ribas (2009), Santos (2015), Queiroz (2004), Queiroz e Marinho (2009), Queiroz (2011), Kebach (2009), Del-Ben (2011), Pimenta (1997), Pimenta e Lima (2012), Costa e Araújo (2012), Rodrigues (2009). Porém, a perspectiva que norteou a proposta do estágio foi a pedagogia de projetos, tomando como base Pimenta e Lima (2012, p. 228) ao considerar que: “a realização dos estágios sob a forma de projetos desenvolve uma atitude de autonomia e de criatividade dos estagiários, uma vez que possibilita a descoberta de espaços de intervenção significativa para a sua formação e para as escolas”.

A partir de Pimenta e Lima (2012), foi possível pensar em um modo de realizar o estágio com uma maior interação e reflexão sobre a vivência da comunidade escolar. Nessa pedagogia com base nos textos e com um olhar introspectivo, há uma articulação dos conhecimentos escolares com os da sociedade e do contexto em que os alunos estão inseridos.

A proposta foi também conduzida a partir de Del Bem (2011), em um texto no qual a autora apresenta exemplos de experiências de estágio em música na perspectiva de projetos, nos quais pude compreender que o foco do ensino não está no objeto e sim, na pessoa, ou seja, nos alunos.

Assim, partindo dessas perspectivas, procurei conhecer meu campo de estágio e, a partir do que pude observar, construí o projeto que foi desenvolvido no decorrer do semestre em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Como, na escola, os alunos da EJA não tinham aula de música, meu intuito ao elaborar o projeto foi propiciar uma experiência musical a partir da prática de cantar, tocar e explorar a música em suas diferentes dimensões. Portanto, elaborei o projeto com foco nos gostos musicais dos alunos, o que, para eles, parece ter sido de suma importância, pois tiveram momentos de aprendizado e conhecimentos de assuntos novos, mas que estão envolvidos com sua história de vida e seus conhecimentos prévios considerando o que fala Del Bem (2011):

Acredito que esses projetos, realizados com grupos distintos e em contextos também distintos, exemplificam possibilidades de fazer música com os alunos na escola e de propiciar-lhes aprendizagens musicais significativas, porque construídas a partir de suas próprias experiências, procurando acolher suas vivências cotidianas e seus saberes prévios (DEL BEM, 2011, p. 31-32).

Essa experiência serviu para enriquecer minha formação como futura professora e mostrar que o ensino de música na escola pode ser realizado a partir de diferentes modos e a partir das necessidades e demandas de cada contexto. Portanto, o objetivo deste relato é expor minha experiência vivenciada, os desafios encontrados e os resultados obtidos durante a prática do estágio, buscando mostrar a importância de um ensino de música, a partir das vivências dos alunos aliadas às dinâmicas e atividades que tornaram as aulas mais atrativas.

## Contexto de ensino

Realizei o estágio na Escola Municipal Professor Hugo Moura na cidade de João Pessoa – Paraíba – no ciclo II da Educação de Jovens e Adultos (EJA) sob a orientação da professora de estágio e a supervisão da professora de educação básica que atuava na turma.

No ciclo II, alguns alunos têm pouca frequência e possuem desenvolvimento de aprendizagem lento, porém alguns sabiam ler com dificuldade e outros nem conseguiam juntar as palavras. A turma da EJA, geralmente, possui alunos com faixa etária bem diversa

entre jovens, adultos e idosos. A princípio, estavam matriculados vinte e cinco alunos, porém havia muitas desistências e alguns alunos faltavam por questões de trabalho e por motivos de saúde, o que dificultou um pouco o desenvolvimento das aulas.

Nessa turma, eu percebi que um dos maiores desafios para mim foi justamente quando um aluno disse que não iria participar das minhas aulas e que só iria para a escola no dia em que não tivesse as minhas regências. Lembro que fiquei apreensiva e triste. Saí da escola pensativa e com um aperto no coração. Outro desafio para mim foi conseguir atingir o meu objetivo unindo as faixas etárias diferentes, além das dificuldades individuais de cada aluno e, assim, constatei que não entendia, praticamente, nada que se dissesse a respeito de ministrar aula em uma turma da EJA.

### **Proposta pedagógica**

O 'CD Show Musical: Eles Aprendem Juntos' foi idealizado com base nos textos já citados, pois acredito que o ensino de música baseado em projetos e articulado com as experiências dos alunos se torna mais eficaz. Dessa forma, acredito que a compreensão dos elementos musicais unidos às vivências e ao contexto em que eles vivem resulta em um conhecimento mais sólido, pois, apesar de alguns alunos não disporem de certa desenvoltura com a leitura e escrita, devemos compreender que cada discente tem seu conhecimento musical obtido por suas práticas vividas como relata Fernandes (2005).

Esse desafio leva em conta alguns aspectos básicos. No caso da educação musical da EJA devemos considerar o adulto como conhecedor, uma vez que, embora ele não saiba ler e escrever, ele obrigatoriamente tem um conhecimento musical adquirido pela enculturação. Considerar o educando como sujeito da educação (nunca objeto dela, como é o caso da concepção ingênua de educação que rebaixa o educando a objeto, um desconhecedor). Educar musicalmente é somar conhecimento musical aos que o aluno já possui, e nunca partir do zero, pois o zero na educação musical de adultos não existe (FERNANDES, 2005, p. 40).

O objetivo geral do projeto se consistiu em formar um grupo de voz e percussão com foco em dois gêneros da cultura popular do estado da Paraíba e Pernambuco para a gravação de um CD. Além do objetivo geral, o projeto teve, como objetivos específicos, mostrar os instrumentos de percussão de cada gênero trabalhado dos dois estados, suas

características, sonoridades, bem como tocar esses instrumentos e os estilos propostos. A percepção também foi foco das aulas, para que os alunos passassem a distinguir cada gênero e as demais sonoridades que fazem parte do contexto musical praticado. Além desses pontos, a ideia era de que os alunos experimentassem todo o processo de produção de um CD, desde a escolha das músicas à seleção dos instrumentistas e cantores, preparação do repertório, execução vocal e instrumental das músicas escolhidas, nome do grupo, capa do CD e, por fim, a gravação do CD.

Os conteúdos foram pensados de forma cautelosa para que proporcionassem aos alunos um aprendizado sobre a história da música popular brasileira e dos estilos de cada região do estado da Paraíba e do estado de Pernambuco; os timbres e altura dos instrumentos utilizados nesses gêneros e a forma de tocar cada instrumento percussivo. Além disso, as intenções de trabalho com os alunos visavam apreciar as músicas para escolha do repertório, praticar o vocal das músicas, aprender como é feita uma gravação de CD, ensaiar e participar de sua gravação.

## **Procedimentos metodológicos**

No primeiro momento, foram realizadas observações na própria sala de aula para que fossem constatadas as necessidades da turma, no sentido de enxergar qual a forma mais eficaz para uma abordagem de ensino e de aprendizagem. Essas análises serviram também para adequar as ideias do projeto, que seria desenvolvido com a turma, e, durante as observações, percebi que iria enfrentar muitos desafios, porém necessários para o crescimento e enriquecimento da experiência como futura professora.

Os procedimentos metodológicos foram realizados por meio de criação das atividades baseadas nos conteúdos e nos objetivos. Dessa forma, muitas dinâmicas foram readaptadas para serem realizadas com a turma, visto que há muitas atividades para o público infantil, o que me fez criar diversas brincadeiras e dinâmicas. A primeira parte dos procedimentos consistiu na contextualização, apreciação, percepção e vivência dos gêneros musicais abordados por meio de mostra de vídeos, slides, audição de músicas, práticas instrumental e vocal, percussão corporal e dança. A segunda parte foi a criação e a elaboração do repertório, visitação de um estúdio de gravação, como também a definição

dos cantores e instrumentistas. Assim, partimos para a terceira e última parte dos procedimentos que consistiu na gravação do CD. Devido às dificuldades de leitura e escrita da turma, pensei em avaliações que não exigissem essas aptidões. Dessa feita, avaliei a participação nas atividades, a prática instrumental, realizei questionários orais sobre o assunto que tinha ministrado na aula passada e, às vezes, perguntei sobre isso logo após apresentar o conteúdo, pois assim todos conseguiam participar e lembrar-se do que havia sido estudado, facilitando a compreensão e a participação na aula.

## **Experiência docente**

As aulas tiveram início no dia onze de setembro de 2017 e seu término no dia trinta de outubro do mesmo ano, sendo uma aula por semana durante dois meses, totalizando oito aulas com a duração de duas horas/aula. Nesse período, trabalhei os objetivos com atividades e dinâmicas, procurando proporcionar uma interação e um aprendizado com mais eficácia. No início das aulas, procurei apresentar elementos musicais de uma forma mais flexível e simples possível. Dessa feita, organizei a sala e coloquei as cadeiras em formato de “meia lua” buscando uma interação mais fluente com os alunos.

As regências sempre iniciavam com uma dinâmica ou brincadeira envolvendo o conteúdo a ser abordado na sala de aula e essa foi uma das formas que utilizei para proporcionar uma interação com a turma, pois, ao mesmo tempo em que os alunos ficavam mais participativos, as aulas iriam se tornando cada vez mais fluentes. No entanto, por vezes, alguns não se sentiam à vontade para participar, o que me tornou mais atenta ao plano de aula e me impulsionou a replanejar e recriar atividades que despertassem interesse nos alunos. Na segunda aula, propus uma roda de ciranda e três alunos se recusaram a participar. No momento, fiquei triste e surpresa com a recusa, mas, após a aula, compreendi que os que recusaram estavam cansados do trabalho e outro ficou envergonhado. Foi a partir dessa aula que percebi essas necessidades específicas da turma e, diante disso, comecei a pensar em atividades que agradassem a todos e, assim, enquanto uns dançavam, outros cantavam e, dessa forma, as aulas seguiam seu fluxo até que todos comessem a interagir.

Certa vez, tinha planejado realizar uma retrospectiva de todo assunto abordado em sala e, nessa aula, iríamos discutir e definir vários pontos para a formatação do CD. Contudo, percebi alguns alunos dispersos e outros desanimados e, no momento, me surgiu um desapontamento, que considero normal, porém, imediatamente, propus uma dinâmica que não estava no plano em questão, mas que fez uma total diferença para o desenvolvimento da aula. A dinâmica consistiu em uma brincadeira de equilíbrio, então, pedi para que cada um enchesse uma bola de festa, disponibilizada por mim, e que ficassem em pé. Expliquei que todos iriam equilibrar a sua bola de festa e não podiam deixar cair ao chão. Aos poucos, fui retirando alguns da brincadeira e os alunos que ainda continuavam na atividade teriam que manter as bolas deixadas pelos que saíram da dinâmica e assim, sucessivamente, até os alunos não conseguirem evitar que as bolas caíssem.

Apesar de alguns estarem cansados e outros acharem uma brincadeira de criança, após a dinâmica, expliquei o sentido da atividade que se referiu à importância do trabalho em equipe e o quão importante é a ajuda do colega, pois um depende do outro para que o projeto final seja concluído com louvor.

Lembro-me que, ao falar sobre o frevo, muitas alunas começaram a conversar sobre o carnaval de outrora e lembraram os tempos de carnaval em clubes, nos quais as famílias se reuniam para brincar e festejar. Seguindo esse viés da discussão, deixei-os bem à vontade para falarem o que pensavam sobre as festas carnavalescas atuais. Dessa forma, a aula teve um desvio do que eu tinha planejado porque eles começaram a falar de quando eram crianças, mas tudo isso foi, para mim, muito interessante e proveitoso, justamente por eles relatarem suas experiências e, ao mesmo tempo, por irem se desinibindo e participando da aula com mais tranquilidade. Percebi que, nesse momento, eles estavam inseridos no assunto, envolvidos com a aula e, naquele dado instante, constatei que o ensino e aprendizagem não eram unilaterais, pois, ao mesmo tempo, eu aprendia com eles e o conhecimento ocorria em uma via de mão dupla.

No início das regências, os alunos ficaram apreensivos e com certa vergonha de participar das atividades, mas, no decorrer das aulas, esses alunos foram interagindo e o comportamento perante às dinâmicas trabalhadas em sala foi se transformando. Dessa forma, percebi que eles participavam mais, perguntavam e compartilhavam suas

experiências de vida. Vi que eles aprenderam sobre os gêneros musicais e formas de tocar os instrumentos percussivos, as origens e contextos históricos dos estilos abordados e pude perceber também que o conhecimento absorvido estava proporcionando para eles um momento mais dinâmico e enriquecedor.

Dessa forma, as aulas foram fluindo; a turma, aos poucos, interagindo; e o ensino e aprendizagem ocorrendo de forma flexível e em uma linguagem simples para uma compreensão mais efetiva.

## Resultados alcançados

Ao iniciar este relato me deparei com meus pensamentos os quais me fizeram voltar ao início desta pequena, porém difícil, caminhada. Lembrei-me das observações e, conseqüentemente, das regências que ministrei. Confesso que, na primeira aula, estava muito apreensiva e totalmente imersa em um mundo desconhecido. Como relatei acima, o meu maior desafio foi “conquistar” aquele aluno que não queria participar das minhas aulas e, especificamente, na primeira regência, ele não quis participar das dinâmicas. Percebi e fiquei triste, mas insisti e, aos poucos, ele foi participando até que, na última atividade, ele já estava inserido e cantando a letra da música junto com os outros alunos. Nesse dia, saí da escola feliz, por conseguir realizar minha primeira regência, em obter êxito ao incluir o aluno nas atividades, ter conquistado a atenção da turma como um todo e de ter proporcionado a eles um momento diferente, de conhecimento musical e de interação.

Os desafios são muitos e, especificamente nessa turma, posso citar os maiores que encontrei, pois os alunos do ciclo II da EJA, na sua maioria, são donas de casa, idosos, jovens, pessoas que trabalham e que não tem onde deixar seus filhos ou netos. São alunos com dificuldades motoras, com vários problemas de saúde e nível de ensino baixo, além da rotatividade de alunos, o que dificultava o desenvolvimento do processo. No entanto, o professor precisa compreender e buscar soluções para encontrar pontos de ligações para unir as faixas etárias. Como relata Ribas (2009, p. 133), “um dos desafios que se coloca para educadores/as musicais que pretendem trabalhar na EJA é justamente encontrar as conexões entre as gerações para que esse lugar de atividades também seja de ensino de música significativo”.

Alguns discentes do ciclo II não tiveram condições de concluir seus estudos no tempo predeterminado pelo sistema escolar, o que resulta em uma série de fatores e consequências que o professor precisa estar atento para que consiga atender às necessidades de cada aluno. Muitos não conseguiam ficar um maior tempo em pé por questões de cansaço decorrente do trabalho e dos afazeres de casa. Deve-se resaltar que a probabilidade de aceitação das brincadeiras e dinâmicas é praticamente cem por cento em se tratando de turmas infantis o que, na EJA, ocorre ao contrário, pois eles não se sentem à vontade realizando certas atividades e isso se dá por constrangimento e por medo de errar.

Então, são muitos desafios e pontos a serem pensados para que o professor consiga planejar as aulas para que elas venham ser satisfatórias e que atenda às necessidades dos seus alunos.

A princípio, as aulas de música, para eles, soavam como uma bobagem, pois na concepção dos alunos, ir à escola significava ouvir a professora e copiar do quadro e esse é outro desafio que encontrei na turma. Nas minhas aulas, o sistema era totalmente diferente. A turma participava o tempo todo, cantava, dançava, brincava e isso, na visão e no entendimento dos discentes, era uma diversão e não se caracterizava como uma aula. Então, fazer com que eles se interessassem em participar foi um grande obstáculo, acredito que o segundo maior contratempo que enfrentei.

Um ponto positivo e importante foi o fato de ter conseguido identificar em que cada um da turma se destacava e o que gostava de fazer nas aulas. Percebi que o aluno resistente às minhas aulas gostava de cantar ao invés de tocar um instrumento e essa percepção é importante, pois facilita a interação nas aulas e aprimora a experiência do profissional.

Confesso que, no início, fui ministrar aula apreensiva e com certo medo, pois estava trilhando um caminho totalmente desconhecido no qual exige muitas habilidades e reflexões. Contudo, hoje, estou mais experiente, com uma visão mais ampliada de sala de aula, de ensino de música diferenciado e confiante para enfrentar os obstáculos encontrados em sala de aula que são necessários para acrescentar experiências e conhecimentos.

## Conclusão

Antes de iniciar o estágio, não fazia ideia de como seria atuar dentro de uma sala de aula, pois trabalho em projeto social e, quando comecei as regências, pude perceber que estava entrando em um mundo novo e inexplorado, mas, aos poucos, fui adquirindo experiência e percebi que minha atuação foi proveitosa, pois consegui passar um pouco dos meus conhecimentos. Com isso, percebi que essa experiência serviu como uma troca de vivências em que ambos os lados aprenderam bastante.

Acredito que todas essas aulas foram uma oportunidade enriquecedora não só para eles, mas para mim também, pois, a cada regência, eu aprendi e adquiri conhecimentos de como proporcionar a educação para aqueles que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos no período “normal”. Interessante observar que obtive aprendizagem com o ciclo II da EJA justamente por ser uma turma que reúne faixas etárias diferentes em que cada aluno tem suas limitações e, apesar das dificuldades, fico feliz em ter participado do mundo deles além de poder contribuir para o conhecimento desses alunos.

Aprendi a trabalhar com Datashow, fazer slides e criar atividades para esse público, visto que há uma necessidade de material musical didático direcionado para a EJA. Por todos esses fatores e desafios encontrados, afirmo ter adquirido conhecimento no estágio supervisionado, pois foi uma experiência enriquecedora que sempre estará comigo.

Contudo, ressalto a importância do estágio para a formação do professor, a importância do ensino de música na perspectiva de projetos e o quanto se faz necessário entender que podemos ensinar música livre de amarras e teorias que são importantes, mas não únicas.

Finalizo dizendo que a sala de aula, por muitas vezes, nos provoca medo, mas, ao mesmo tempo, faz-nos sentir que é possível uma educação melhor, que há uma forma de ensinar aprendendo e que é difícil, mas não impossível.

## Referências

ALFONSI, Daniela do Amaral. *Para todos os gostos: um estudo sobre classificação, bailes e circuitos de produção do forró*. 2007. 145f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Programa de Pós - graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

AZEVEDO, Maria Cristina C. Castelli. *Os saberes docentes na ação pedagógica dos estagiários em música: dois estudos de caso*. 2007. 437 f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

COSTA, Maria Nizete de Menezes Gomes; ARAÚJO, Rafael Pereira de. A importância da visita técnica como recurso didático metodológico: um relato na prática do IF Sertão Pernambucano. In: CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, VII, 2012, Palmas/ Tocantins. *Ciência, tecnologia e inovação: ações sustentáveis para o desenvolvimento regional*. Palmas/Tocantins: 2012. p. 1-5.

DEL-BEN, Luciana Marta. Música nas escolas. In: SALTO PARA O FUTURO, XXI, 2011. *Educação musical escolar*. boletim 08, TV escola, jun. 2011. p. 24-33.

DIAS, Ivan; DUPAN, Sandrinho. *O que é o forró?: Um pequeno apanhado da história do forró*. 2 ed. Campina Grande: Latus, 2017.

FERNANDES, José Nunes. Educação musical de jovens e adultos na escola regular: políticas, práticas e desafios. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 12, n. 12, p. 35-41, mar. 2005.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem. A aprendizagem musical de adultos em ambientes coletivos. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 22, p. 77-86, set. 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. *Nuances*, v. 3, p. 05-14, set. 1997.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Planejando o estágio em forma de projetos. In: PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 219-229.

QUEIROZ, Luis Ricardo S. Diversidade Musical e Ensino de Música. In: SALTO PARA O FUTURO, XXI, 2011. *Educação musical escolar*. boletim 08, TV escola, jun. 2011. p. 17-23.

\_\_\_\_\_. Educação musical e cultural: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 10, p. 99-107, mar. 2004.

QUEIROZ, Luis Ricardo S.; MARINHO, Vanildo Mousinho. Práticas para o ensino de música nas escolas de educação básica. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 1, p. 60-75, 2009.

RIBAS, Maria Guiomar de Carvalho. Práticas musicais na Educação de Jovens e Adultos: uma abordagem geracional. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 21, n. 21, p. 124-134, mar. 2009.

RODRIGUES, Márcia Cristina Pires. Apreciação Musical Através do Gesto Corporal. In: BEYER, Esther; KEBACH, Patrícia. *Pedagogia da música: experiências de apreciação musical*. 1. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 37-50.

SANTOS, Carla Pereira dos. Desafios e perspectiva para a formação do licenciando através do estágio supervisionado em música. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, XXII, 2015, Natal/RN. *Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento*. Natal/RN: Revista da ABEM, 2015. p. 1-12.

SILVA, Jaqueline Alves. *Um estudo comparativo entre os grupos Pessoaenses de forró: Cabras de Mateus e Duquinha e Banda*. 2010. 190f. Dissertação (Mestrado em Música)– Programa de Pós-Graduação em Música, UFPB, João Pessoa, 2011.